

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ  
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO  
ESPECIALIZAÇÃO EM LITERATURA BRASILEIRA E HISTÓRIA NACIONAL

CRISTINA DE FATIMA WENDRECOSKI

**O APOCALIPSE DAS TRABALHADORAS: MARIA DA GRAÇA E  
QUITÉRIA, ANÁLISE HISTÓRICA DO TRABALHO FEMININO  
REPRESENTADO PELAS PERSONAGENS DE VALTER HUGO MÃE**

CURITIBA

2019

CRISTINA DE FATIMA WENDRECOSKI

**O APOCALIPSE DAS TRABALHADORAS: MARIA DA GRAÇA E  
QUITÉRIA, ANÁLISE HISTÓRICA DO TRABALHO FEMININO  
REPRESENTADO PELAS PERSONAGENS DE VALTER HUGO MÃE**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Orientador: Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida

CURITIBA

2019

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

### **O APOCALIPSE DAS TRABALHADORAS: MARIA DA GRAÇA E QUITÉRIA, ANÁLISE HISTÓRICA DO TRABALHO FEMININO REPRESENTADO PELAS PERSONAGENS DE VALTER HUGO MÃE**

por

Cristina de Fatima Wendrecoski

Esta monografia foi julgada e aprovada como requisito parcial para a obtenção de título de especialista do curso de Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional, do Departamento de Linguagem e Comunicação (DALIC) da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR).

Curitiba, 12 de dezembro de 2019.

---

Prof. Dr. Rogério Caetano de Almeida  
Membro titular

---

Prof. Dr. Marcelo Fernando de Lima  
Orientador

---

Profa. Dra. Maurini de Souza  
Membro titular

O termo de aprovação assinado encontra-se na coordenação do curso.

## RESUMO

Wendrecoski, Cristina de Fátima. O apocalipse das trabalhadoras: Maria da Graça e Quitéria, análise histórica do trabalho feminino representado pelas personagens de Valter Hugo Mãe. 2019. 23f. Monografia (Especialização em Literatura Brasileira e História Nacional) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2019.

Essa pesquisa analisa a história da mulher no mercado de trabalho a partir da representação das personagens Maria da Graça e Quitéria da obra *O Apocalipse dos Trabalhadores* (2008), de Valter Hugo Mãe. Ambas as histórias ao longo da narrativa desta análise são traçadas de forma autônoma, mas sob o mesmo mote: as mulheres alcançam, por meios capitalistas, a independência econômica, mas há, nessas conquistas, a dicotomia, pois a independência é alcançada por meio de subempregos que atrelam as mulheres ao ambiente doméstico. Este trabalho vai focalizar a análise do foco narrativo da obra.

**Palavras-chave:** Literatura. Trabalho feminino. O Apocalipse dos Trabalhadores. Valter Hugo Mãe.

## ABSTRACT

This research analyzes the history of women in the job market from the representation of the characters Maria da Graça and Quitéria from the work *O Apocalipse dos Trabalhadores* (2008), by Valter Hugo Mãe. Both stories throughout the narrative of this analysis are traced autonomous, but under the same motto: women achieve economic independence by capitalist means, but there is, in these conquests, the dichotomy, because independence is achieved through underemployment that tie women to the domestic environment. We will analyze the point of view of these characters.

**Keywords:** Literature. Female work. *O Apocalipse dos Trabalhadores*. Valter Hugo Mãe.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	7
2 DUAS MULHERES-A-DIAS: MARIA DA GRANÇA E QUITÉRIA.....	12
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	21
REFERÊNCIAS.....	223

## 1 INTRODUÇÃO

*O Apocalipse dos Trabalhadores* (2008) é uma obra do escritor português Valter Hugo Mãe. A ascensão de sua escrita e sua popularidade se apresentam num crescente nos últimos tempos, pois o escritor trabalha com um método narrativo não convencional, que foge às regras impostas pelos manuais de gramática normativa, uma vez que não faz uso de pontuação, além do ponto final e vírgula, e tampouco usa também letras maiúsculas em seus romances.

Essa economia em elementos gráficos na narrativa nos remete a algumas tendências na literatura no decorrer dos tempos, como a opção dos escritores e dramaturgos alemães Georg Büchner (1813 a 1837) e Bertolt Brecht (1898 e 1956) em utilizar letras minúsculas, contrariando a variante padrão alemã, em vários momentos de suas obras; ou o suíço Friedrich Dürrenmatt, que, em sua obra *Der Auftrag* (A Ordem, 1986), uma “Novela em 24 frases”, escreve a narrativa com frases que percorrem várias páginas.

Como influência direta a Hugo Mãe, pode-se citar a escrita saramaguiana, fonte da qual o autor bebeu e pela qual foi reconhecido, em 2007, quando da entrega do prêmio literário José Saramago pela escrita do livro *O Remorso de Baltazar Serapião*, definido por Saramago como um novo “parto da Língua Portuguesa”. (MÃE, 2018, p. 11). Há, ainda, uma simbologia significativa para o uso da “caixa baixa” na narrativa; tanto a objetificação do ser humano, cujos nomes não ganham reconhecimento em caixa alta por não significarem nada além de meros substantivos; quanto a alusão à igualdade das personagens.

O romance *O Apocalipse dos Trabalhadores* é permeado por histórias de personagens complexas, cujas vidas se entrelaçam na narrativa de modo inesperado. O destaque da obra é a vida das mulheres, o modo como elas se relacionam com as demais personagens e como mostram suas forças ao longo do enredo. De todas as mulheres presentes no enredo, o foco narrativo está nas personagens Maria da Graça e Quitéria, amigas de meia idade, de classe social pobre, cujas ocupações laborais são divididas entre “mulher-a-dias” e carpideiras; “mulher-a-dias” é o termo português que designa “diarista, faxineira”.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar a história das mulheres no mercado de trabalho por meio da representação específica dessas amigas, refletindo sobre como se deu esse processo e como as personagens do livro estão inseridas nesse

contexto laboral. Para isso, é necessário analisar os métodos de opressão explícitos e implícitos aos quais as mulheres da narrativa estão submetidas a partir de seus subempregos. Neste sentido, essa análise busca compreender, por meio representação mimética, o papel da mulher trabalhadora no sistema capitalista, usando como método o estudo da história das mulheres, que abrange a dicotomia entre a independência econômica alcançada por meio de um emprego e o vínculo doméstico ao qual normalmente ela está inserido.

A respeito da história do trabalho feminino, Humberto Lima de Lucena Filho disserta (2011) que o estado democrático de direito é uma conquista das sociedades atuais e que o lema sobre o qual esses direitos são cimentados é a igualdade, apresentando um panorama de dados e estatísticas referentes aos postos ocupados pelas mulheres no mercado de trabalho brasileiro e internacional. Segundo os dados levantados, em 2007, a média de anos de estudo das mulheres brasileiras era maior se comparada à dos homens; no entanto, a ocupação de cargos de direção chegou a porcentagem de 1,3% a mais para os homens.

Para refletir sobre essa questão é necessário entender a história da mulher no Ocidente. É possível afirmar que as mulheres sofrem discriminação por seu gênero desde as primeiras narrativas na sociedade ocidental. Aristóteles, em *Política* (1997), compara-as aos escravos, mas alerta que elas são piores porque mais perigosas. No século XI, houve caça às mulheres que fugiam do padrão imposto; eram as chamadas bruxas, os “defensores da ordem e da moral”, impulsionados pela Igreja e apoiados por ela, iniciaram uma caça ao feminino, a imagem da mulher era atrelada ao perverso, ao sexual e ao carnal, as mulheres que exploravam sua condição sexual eram caçadas, pois elas fugiam do pré-estabelecido.

Silvia Federici (2017) afirma que, na Idade Média, o que se esperava das mulheres era que se casassem, pois seu sucesso de vida dependia disso – as que fugiam a esse padrão eram vistas como bruxas. Na relação conjugal, o homem ficava com a direção, cabia a ele o governo da casa; à mulher cabia a submissão e os afazeres domésticos, bem como o cuidado dos filhos. O casamento era, portanto, uma troca: a mulher dava a carne em troca da vida que o homem poderia prover a ela. Para que uma mulher fosse considerada “boa” para efetuar essa troca era necessário que fosse casta, virgem. Esse fantasma da castidade permeava a vida das mulheres; era santa quando virgem e santa quando mãe. Quando a mulher não cumpria esse papel de santidade terrena proporcionada pelo casamento



heterossexual, era necessário que cumprisse uma jornada proporcionada pelo casamento com Cristo: entrar para um convento.

Carlos Bauer apresenta um panorama sobre esse tema:

[...] A ocupação econômica a que o homem estava vinculado durante toda a sua vida era marcada pelo seu próprio nascimento; a da mulher pelo seu nascimento e pelo seu casamento. A divisão do trabalho era, simultaneamente, social e sexual. O trabalho mais qualificado e reconhecido socialmente estava destinado aos homens. Já as mulheres se ocupavam primordialmente das lides domésticas e outras tarefas desvalorizadas socialmente. Caso a mulher pertencesse aos grupos privilegiados da sociedade eram auxiliadas por servas ou até mesmo escravas nos seus afazeres diários (BAUER, 2001, p. 31).

Dando um salto na história, é possível elencar a Revolução Industrial como um marco da contemporaneidade em vários aspectos; dentre eles, está a intervenção na vida econômica das mulheres. A ascensão dos ideais de igualdade e liberdade foram intensificadas durante o século XVIII e XIX. Impulsionadas pelas mudanças da modernidade, no século XX as mulheres apareceram publicamente reivindicando direito ao divórcio e à educação. Empregadas nas fábricas têxteis, algumas mulheres começavam a entrar nesse ambiente dominado pelos homens.

Essa inserção, entretanto, não significou independência ou empoderamento feminino por meio do trabalho; essa inserção serviu aos novos meios de produção. O aperfeiçoamento do capitalismo exigia que a produção nas fábricas fosse eficiente do ponto de vista da mais-valia, criaram-se então as linhas de produção. A força da mão-de-obra feminina era vista principalmente nas indústrias têxteis e nos serviços domésticos.

Lucena Filho (2011) explica que a necessidade de aumentar a produção por meio das máquinas e a contratação de trabalhadores sem instrução para operar essas tecnologias culminou em um caos social. A fim de amenizar os danos, os sindicatos surgiram para garantir melhoria na qualidade de vida dos operários e operárias. Depois das barbaridades das grandes guerras, foi-se instituído, pelos países do Ocidente, o estado de bem-estar social, como reação à ascensão do Comunismo no Oriente; tal medida trouxe a importância de voltar às constituições e colocar em prática algumas de suas bases, uma dessas o da igualdade de direitos.

Sob a reivindicação de que homens e mulheres eram dotados dos mesmos direitos, seria então fundamental que as mulheres estudassem e trabalhassem para alcançar postos profissionais, dessa forma, as mulheres garantiram, em tese,

direitos, mas na prática eles não eram vividos, pois não houve uma revolução no formato familiar, e a mulher continuava a ser responsável pela casa e pelos filhos. Nos anos 1960, cerca de 30% da população economicamente ativa europeia era composta por mulheres; dos postos de trabalho ocupados por elas, 93,3% eram doméstico.

Com esse cenário traçado, é possível entender como a discriminação que se vai observar na obra de Valter Hugo Mãe, em relação ao gênero feminino, foi criada: quando os direitos são garantidos a ambos os sexos, mas os deveres são praticados e exigidos massivamente a apenas um deles, temos desconexão entre direitos e deveres. As mulheres passaram a assumir a responsabilidade pelas próprias finanças, mas ainda continuaram a cuidar da casa e dos afazeres domésticos quando não transferiram esses cuidados para outras mulheres (as “mulheres a dias”). Valter Hugo Mãe destaca as personagens femininas pobres, duplamente oprimidas: Maria da Graça e Quitéria, as principais da narrativa, são inteligentes e trabalhadoras, usam seus corpos para trabalhar e viver suas sexualidades.

Explorando a geografia da narrativa, como Franco Moretti propôs em *Atlas do Romance Europeu* (1997), é possível entender como a saída da mulher para o mundo do trabalho é importante para o encontro desta com o exterior, com aquilo que é novo. Segundo o pesquisador, cada espaço serve de determinação ou encorajamento para sua própria espécie de história. No caso de Maria da Graça, sua saída para trabalhar na casa do patrão rico e culto, Sr. Ferreira, é uma amostra de cultura, pois através da experiência de sair de seu próprio espaço, a mulher-a-dias consegue conhecer outra realidade, uma vida diferente da sua, que apresenta-lhe Goya, Mozart e Fernando Pessoa. Essa experiência entra em sua mente e ela sonha com os artistas; é possível concluir que um modo de romper barreiras que impediam o contato entre as classes sociais é o trabalho.

Sem o propósito de anular os papéis de servidão/domínio intrínsecas a relação patrão/empregada, no enredo aqui analisado, pode-se afirmar que o trabalho serviu como avanço econômico à empregada, visto que ela herdou parte da riqueza do patrão. Já Quitéria tem sua história contada na narrativa como carpideira e, com essa função, percorre a história; a mulher consegue bons ganhos chorando em velórios de estranhos; essa profissão requer da personagem controle emocional, característica que é demonstrada por ela ao longo de todo enredo, pois além de ser independente economicamente, vive livre emocionalmente. Sobre o emprego de

Maria da Graça, Quitéria entende e aconselha a amiga que era um bom investimento, além disso, Quitéria percebe a ascensão cultural de Maria da Graça.

Com o objetivo de entender de que modo a narrativa sobre a entrada das mulheres no mercado de trabalho tem influência na vida econômica, social e emocional delas, e a fim de elencar os motivos pelos quais é possível supor a ainda presente discriminação da mulher na sociedade ocidental, este trabalho investigará paralelamente as histórias representadas pelas mulheres do romance de Valter Hugo Mãe, com o intuito de atrelar a análise teórica da história das mulheres no mercado de trabalho à análise literária das personagens Maria da Graça e Quitéria do enredo *O Apocalipse dos Trabalhadores*.

## 2 DUAS MULHERES-A-DIAS: MARIA DA GRAÇA E QUITÉRIA

*O Apocalipse dos Trabalhadores*, de Hugo Mãe, é uma narrativa que se situa em Bragança, Portugal. Ela traz como enredo a história de diversas personagens que se entrelaçam, como o nome sugere, por meio do trabalho. Dentre estas personagens estão Maria da Graça e Quitéria, amigas pobres que trabalham, respectivamente, como empregada doméstica e carpideira.

A primeira mulher a aparecer na história é Maria da Graça; sua introdução na narrativa é feita de forma icônica – a personagem é apresentada ao leitor por meio de um sonho. Nele, a personagem tenta entrar no céu, e às portas do Paraíso havia venda de objetos que lembravam a vida terrena. Dentre os objetos disponíveis para a venda, ela imaginava que poderia haver reprodução de quadros de Goya, uma edição francesa de Marcel Proust ou uma composição aos mortos feita por Mozart.

Ao contrário do que se pode supor pelo inconsciente de Maria da Graça, no entanto, ela não tem estudo; é pobre, faxineira, “mulher-a-dias” dito em português de Portugal, e carpideira nas horas vagas. Essa cultura fixada na mente da personagem, a ponto de lhe causar sonhos, é fruto dos abusos sofridos por ela e praticados pelo Sr. Ferreira, seu patrão. O homem usa artifícios retóricos a fim de tentar impressionar a empregada: fala sobre arte pouco antes de abusar sexualmente dela.

O cenário do estupro são as reproduções dos quadros de Goya estampadas no livro que o patrão obriga a empregada a folhear durante o ato. A trilha sonora são as frases e os poemas de Fernando Pessoa, que misturadas às melodias de Mozart, inflam o ego do patrão e fazem com que ele se sinta superior, mesmo durante um ato repugnante. Enquanto falava sobre a genialidade de Goya, concluía o patrão que, eles, os homens dessa imagem eram geniais, causavam regozijos ao criador; ele exclama então para a empregada, num suposto ar de consciência: “sabemos o nosso lugar e é dessa forma que a sociedade se estrutura, é essa consciência que faz com que não se desmorone” (MÃE, 2016, p. 20).

Essa consciência dada à empregada pela fala do Sr. Ferreira é o que caracteriza uma consciência coletiva, segundo a qual há um lugar social, econômico, político, religioso e cultural para cada indivíduo dentro da sociedade; esses lugares são definidos, dentre outros fatores, pelo capital financeiro. Transferindo esse argumento para os estudos sobre o tema, é possível entender a posição da mulher

na sociedade ao longo da história a partir do deslocamento das mulheres da narrativa aqui trabalhada.

Para Simone de Beauvoir, a questão que permeia o sofrimento das mulheres frente à desigualdade é um reflexo do que a sociedade fez com a fêmea humana. Em *O Segundo Sexo - Fatos e Mitos* traz uma reflexão sobre os motivos segundo os quais a mulher é submetida à condição de submissão, opressão e sofrimento.

Segundo sua teoria, a força de trabalho dos corpos das mulheres foi fator determinante para que a mulher fosse colocada em condição de inferioridade em relação ao homem, principalmente quando a força física era diferencial na lida com novas ferramentas de trabalho. Quando o papel que o homem desempenhava no âmbito do trabalho não pudesse ser desempenhado igualmente por uma mulher, ela perderia o seu valor, sua utilidade.

Foi dessa forma então, que, concomitantemente à ascensão da propriedade privada, a maioria das mulheres tornou-se propriedade dos homens, o que conseqüentemente ocasionou o aprisionamento da mulher às tarefas domésticas, ao cuidado da prole e da família. Com o surgimento da propriedade privada, há uma divisão entre os homens e os indivíduos, há sobretudo, uma mudança nas relações interpessoais. Há uma preponderância na relação de servidão-domínio, pois com a propriedade privada há também o surgimento da escravidão.

Segundo a teórica francesa, em consequência da descoberta dos metais e com o surgimento do arado:

[...] Um trabalho intensivo é exigido para desbravar florestas, tornar os campos produtivos. O homem recorre, então, ao serviço de outros homens que reduz à escravidão. A propriedade privada aparece; senhor dos escravos e da terra, o homem torna-se também proprietário da mulher. Nisso consiste “a grande derrota do sexo feminino”. Ela se explica pelo transtorno ocorrido na divisão do trabalho em consequência da invenção de novos instrumentos (BEAUVOIR, 2016, p. 84).

Sob essa perspectiva, vale ressaltar o papel de divisor de águas que a história do trabalho operou na vida das mulheres. Na Idade da Pedra, as mulheres concentravam suas forças de trabalho dentro do ambiente doméstico e, no perímetro dele, foram elas que iniciaram a agricultura, cultivando sementes. Ainda que não houvesse propriedade privada, a mulher cultivava pequenos jardins ao redor das terras que eram comuns a todos (neolítico), bem como trabalhava na confecção de vasilhames e na tecelagem; havia, portanto, uma equivalência de importância com

as funções masculinas, que eram a caça e a pesca. Nas comunidades primitivas, não havia o particular, tudo era coletivo, não havia reconhecimento de paternidade ou maternidade, não havia sequer pares fixos, tudo era comum.

O mesmo ambiente doméstico que era, então, suficiente para conceder às mulheres a emancipação e a igualdade de classe, tornou-se o objeto que representou o aprisionamento delas, com a ascensão da propriedade privada. Com as famílias direcionadas à monogamia<sup>1</sup>, houve uma proclamação dos homens ao status de “provedores do lar”; desse modo, o surgimento e a predominância de uma família patriarcal foi inevitável, esse modelo oprimiu a mulher e supervalorizou o homem. O trabalho masculino, realizado fora de casa era elevado, enquanto o trabalho doméstico exercido pela mulher com esmero era rebaixado.

Para compreender como essas relações de poder se dissiparam ao longo dos anos, é preciso um olhar sobre os avanços da modernização em diversos âmbitos, eles trouxeram consequências positivas sob o ponto de vista do trabalho feminino. Com a Revolução Industrial e seus desdobramentos tecnológicos, várias máquinas não necessitavam da força física, portanto, mulheres e homens se igualaram do ponto de vista do saber-fazer.

Com o advento do capitalismo, houve nas fábricas a organização em linhas de montagem, a força do trabalho das mulheres ia ao encontro do que almejavam os patrões: mão-de-obra barata e farta. Além das operárias, parte da força econômica produzida pelas mulheres ainda vinha do trabalho doméstico, pois elas eram a grande maioria das assalariadas desse setor, composto por jovens pobres, sem estudo, brancas e negras.

É a essa classe de empregadas domésticas que pertence Maria da Graça, personagem central da obra aqui analisada; o enredo aponta para o sofrimento e a humilhação pelos quais essa faxineira passa. Enquanto a empregada tenta exercer seu ofício, é obrigada a beijar e acariciar o patrão, como se a ele não estivesse vendendo apenas a força de trabalho, mas também seu corpo. A protagonista não fica calada diante do que lhe acontece, ela demonstra ter consciência do que sofre, mas precisa trabalhar.

Durante o enredo a personagem mostra ter noção do quão nociva é aquela

---

<sup>1</sup> Vale ressaltar que a monogamia era um modelo a ser seguido pelas famílias tradicionais, no entanto, é sabido que aos homens era permitido, “veladamente”, a poligamia, pois os senhores se deitavam com suas escravas e esposas a bel-prazer.

relação para ela, sente repugnância do homem, mas ao mesmo tempo divaga sobre uma possível ascensão financeira. Na narrativa, as cenas de abuso têm um ar soturno - há uma ambiguidade de sentidos, pois a descrição das reações de apavoramento da personagem ante o ocorrido é mesclada com as sensações que ela tem ao se deparar com determinada obra de arte, o que aumenta o prazer e a fantasia do abusador:

[...] pensava que estava ali apenas para fazer seu dinheiro e era coisas de comer e vestir que precisava. aquelas teorias apaixonadas não lhe pareciam nada de pôr na sopa. só a paixão pode dar a um homem uma tal energia, continuava ele, só a paixão pode, num momento de afinidade com a vontade de deus, resultar numa obra tão impossível, e isto é Fernando Pessoa. a Maria da Graça sentava-se a medo, olhava para o livro e percebia os rostos imprecisos das figuras, o ar soturno e assustador que tinham. perguntava, e que pintou além destas imagens tão duras. o maldito arregalava os olhos de contentamento, perante o suposto interesse da sua pupila, e folheava o livro até lhe dizer, isto, absolutamente, magnífico (MÃE, 2017, p. 21).

Depois da cena descrita acima, Maria da Graça volta para casa com culpa, sente-se suja, toma banho e limpa a casa, deixa tudo arrumado à espera de mais um homem odioso em sua vida: Augusto, com quem é casada há dezessete anos.

O interesse de Maria da Graça por tudo que é limpo é, na narrativa, motivo constante, não apenas por ela ser empregada doméstica e trabalhar diretamente com limpeza, mas também como uma forma de demonstrar certa pureza cobrada e imposta às mulheres. A obra não expressa juízo de valor ou juízos moralizantes, mas há essa culpa demonstrada por Maria da Graça nos banhos que lhe tiravam a vergonha e na adoração pelo uso de Cif-líquido nas limpezas. Esses produtos, na trama, ajudavam e compreendiam as faxineiras como nenhuma pessoa conseguiria fazer.

A presença repetitiva da importância que as marcas dos produtos de limpeza têm na vida da personagem é interpretada como um exemplo de fatura. Se sua condição financeira é precária, a maior expressão de consumo praticada por ela dentro da narrativa é a alusão aos produtos de limpeza, os quais materializam seus desejos no universo capitalista e expressam uma válvula de escape aos indivíduos que, traumatizados pelos abusadores, sofrem de transtornos obsessivos compulsivos por limpeza e antissepsia. Essa alusão aos produtos de limpeza como salvadores e aliviadores dos “pecados” e da culpa sentida pela personagem central é de tamanha importância na narrativa, que serve de elemento do enunciado

discursivo da capa do livro publicado em 2017 pela Editora Biblioteca Azul:

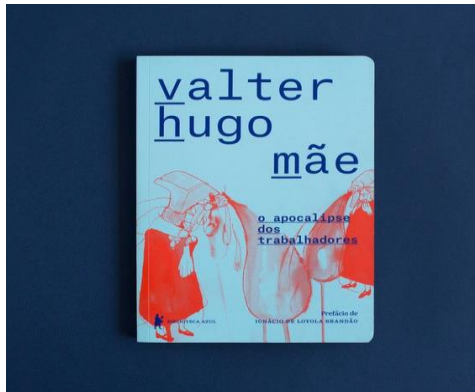


Figura 1 - *O Apocalipse dos Trabalhadores*, São Paulo: Editora Biblioteca Azul, 2017

Na figura 1 a imagem trazida, elemento pré-textual, é significativa para ilustrar e expressar a objetificação das personagens, pois as protagonistas da narrativa, Maria da Graça e Quitéria são reificadas pela figura de dois borrifadores de Cif-líquido, dessubjetivando-as. A importância dada a esse produto é, na narrativa, explorada pela personagem central em um diálogo com sua amiga Quitéria:

[...] és uma empregada, dizia-lhe a amiga, a menos que esses homens tenham inventado o cif líquido marine não me parece que te façam mais feliz. fazem-te mais triste, eu sei, mas estiveram sempre convencidos de que a obra que deixaram me haveria de fazer feliz. não penses nisso, mulher, trabalha e avança. não penses. e se tenho de pensar depois, às portas do céu, a querer entrar e a ter de justificar tudo. não existem portas do céu, só nuvens e espreguiçadeira. pois é. tenho de convencer os sonhos disso, que a vida é difícil o suficiente para se exigirem responsabilidades pelo que dela fazemos” (MÃE, 2017, p. 36).

Quitéria se apresenta no trecho supracitado como conselheira e confidente de Maria da Graça; há nos diálogos das amigas informações sobre a personalidade de ambas e sobre a complexidade da construção compartilhada de uma consciência feminina empoderada e libertadora. No diálogo a seguir, no qual ambas trabalham limpando uma casa juntas, é possível entender a importância que os produtos de limpeza representam para essas mulheres. A conversa entre as amigas rende uma construção de cenário narrativo em que compartilham, no diálogo, uma consciência social sóbria e que remonta novamente à capa do livro editado pela Biblioteca Azul:

o que haveria de surpreender deus era fácil de escolher, um cif líquido marine que ganhasse braços e pernas e fosse muito bem educado para as coisas da limpeza. ai a educação dos objectos, ria-se a maria da graça, já pensaste bem, se aprendessem o que lhes disséssemos e se comportassem



direito sem refilar. a quitéria respondia, tu estás louca, mulher, dá-te por feliz de teres este palácio para passar com cif e cilit bang, porque isto de trabalhar para gente rica com produtos de gabarito é mais fácil duas vezes. achas que isto é do estado. sei lá. deve ser. ajax fabuloso lava tudo opção montanha. cala-te, não me faças rir (MÂE, 2017, p. 115)

A amiga de Maria da Graça, além de fazer serviços de faxineira, ganhava a vida principalmente como carpideira; era paga para chorar nos velórios de desconhecidos, levava a amiga para trabalhar com ela em alguns velórios. O trabalho de carpideira rendia cinquenta euros por duas horas de choro e lamentação por um desconhecido. Esse subemprego remonta aos tempos bíblicos, pois acreditava-se que quanto mais pessoas estivessem chorando e se lamentando pelo morto, mais rápido ele faria sua passagem e deixaria a vida na Terra.

Normalmente, as carpideiras eram contratadas para trabalhar em velórios de pessoas respeitadas, mas não amadas, para as quais não havia entes queridos o suficiente para lamentar a perda. Muitas vezes as profissionais faziam o papel de viúvas, pois encenavam sofrimento mais real do que as primeiras. Teologicamente, as carpideiras representavam pureza e suas lágrimas serviriam para purificar a alma do falecido; no livro de Jeremias, as carpideiras são chamadas para simbolizar a perda do povo de Jerusalém causada por subversão às leis divinas:

Assim diz o Senhor dos Exércitos: "Considerem: Chamem as pranteadoras profissionais; mandem chamar as mais hábeis entre elas. Venham elas depressa e lamentem por nós, até que os nossos olhos transbordem de lágrimas e águas corram de nossas pálpebras. O som de lamento se ouve desde Sião: 'Como estamos arruinados! Como é grande a nossa humilhação! Deixamos a nossa terra porque as nossas casas estão em ruínas" (Jeremias, Cap.9, vers.17).

A partir da análise do versículo do Antigo Testamento bíblico, é possível entender o papel das carpideiras também como intérpretes de tempos ruins, de maus agouros. Conclui-se, então, que a função era respeitada por seu caráter mítico, ligado ao sagrado. Há, na profissão provedora da subsistência de Quitéria e complemento de renda de Maria da Graça, um caráter histórico ligado às escrituras. Nela, interpreta-se uma crítica feita pela obra aos elementos religiosos ao colocar Quitéria como representante dessa função. Pois a personagem representa uma mulher despojada. Ela aconselha Maria da Graça quanto aos relacionamentos abusivos que esta última sofre, bem como representa uma consciência de empoderamento e sororidade subversivos ao que rege as leis de submissão feminina.

Além disso, a personagem explora sua sexualidade nas cenas descritas na narrativa, namora um jovem ucraniano com quem, a priori, mantém apenas relação carnal, sem laços afetivos. Ao longo da narrativa, no entanto, percebe nesse jovem do leste europeu algo diferente, a indiferença do homem transformada em calor quando ambos encontravam-se nas relações sexuais a fez cultivar sentimentos inesperados. Quitéria apaixona-se por Andriy e com ele constrói uma história de interdependência. A personagem do jovem ucraniano é plana, não possui ideias complexas e sua personalidade não é surpreendente, ele vai para Portugal para trabalhar e enxerga em Quitéria uma relação maternal que lhe renderá benefícios. Ela entende essa troca de benefícios, sabe que Andriy a enxerga como ponto de apoio, entretanto, a mulher acha justa a troca de ajudar a manter o rapaz por um relacionamento amoroso. Maria da Graça e Quitéria representam duas formas opostas de ideal feminino. A primeira é abusada sexualmente por seu patrão e agredida fisicamente por seu marido, nutre uma esperança de ascensão financeira proporcionada pelo primeiro, consegue essa ascensão quando o Sr. Ferreira comete suicídio e deixa uma herança para ela.

A segunda nutre uma relação com um homem mais jovem que ela, jovem que aparenta interesse financeiro na companheira. Embora sua renda não seja tão grande, ela consegue proporcionar a ele uma viagem à Ucrânia para encontrar seus familiares, ou seja, ela torna-se a provedora financeira da relação. Analisando os laços criados por ambas ao longo da narrativa e atrelando-os à teoria do estudo do feminismo, é possível depreender que Maria da Graça conseguiu a ascensão financeira através de seu trabalho, pois embora não ganhasse o suficiente para ficar rica, conseguiu herança através de sua dedicação à vida do maldito Sr. Ferreira. A renda que Quitéria conseguia fazer como carpideira era atrativa, o suficiente para fazer Andriy permanecer com ela; essa relação então, é capaz de subverter o que comumente é esperado, pois nesse caso, a mulher é a base financeira.

Guardadas e compreendidas as proporções patriarcais dos laços que unem as personagens Maria da Graça e Quitéria à independência proporcionada por trabalhos domésticos ou subempregos que apelam para o emocional/religioso, é possível compreender que o nó que amarra as mulheres à opressão, humilhação e submissão tem raízes profundas, cujas causas foram estudadas por correntes feministas ao longo dos anos. Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy (1981)

consideram que a passividade feminina é imposta e aceita pelas mulheres. Tal imposição da submissão feminina e da lentidão pela tomada de rédeas da própria vida é tema central da obra de Simone de Beauvoir (1949).

Nos dois volumes de *O Segundo Sexo*, a autora elenca motivos biológicos e sociais para explicar a condição imposta às mulheres. A teórica explica que todos os indivíduos nascem iguais, mas uma diversidade de fatores e convenções sociais tornam fortes e possíveis os estereótipos de gênero. Quando uma criança nasce, seja homem ou mulher, ela é dotada das mesmas capacidades cognitivas e físicas, no entanto, há uma diferença segundo a qual os pais criam meninos e meninas. Segundo essa teoria, ocorre um tratamento de choque em que a realidade é imposta ao indivíduo já no desmame. Quando esse indivíduo é separado desse vínculo de nutrição exercido pela mãe, acaba forçado a enxergar o mundo como um lugar no qual se luta pela sobrevivência, ou seja, a responsabilidade pela própria vida estaria, desse modo, atrelada a esse fator.

É no contato com os pares sociais que as crianças se desenvolvem e se alienam à imagem e semelhança dos responsáveis, por imitação, e com o intuito de ser aprovado pelo Outro<sup>2</sup>. À luz da teoria de Simone de Beauvoir, compreende-se que o conceito de *Outro* só é possível a partir de outrem. Então, até o desmame meninos e meninas são igualmente vistos e caracterizados segundo a perspectiva de alguém que não eles mesmos. Neste sentido, a própria condição da fêmea de dar à luz e ser responsável por uma vida impacta diretamente na construção de um indivíduo que batalha por ser algo no mundo, isto porque sua existência é pautada no cuidado e na manutenção de outras vidas que não a sua. Partindo dos pressupostos de Beauvoir é possível, então, entender desta dinâmica que:

Elas são mulheres em virtude de sua estrutura fisiológica; por mais longe que se remonte na história, sempre estiveram subordinadas ao homem: sua dependência não é consequência de um evento ou de uma evolução, ela não *aconteceu*. É, em parte, porque escapa ao caráter acidental do fato histórico que a alteridade aparece aqui como um absoluto (...) Parece, ao contrário, que uma condição natural desafia qualquer mudança. Em verdade, a natureza, como a realidade histórica, não é um dado imutável. Se a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno. (BEAUVOIR, 2016, p. 15)

---

<sup>2</sup> Referimo-nos ao conceito de *Outro* usado por Simone de Beauvoir nos dois volumes do “*Segundo Sexo*”.

Como seria possível operar esse retorno ao essencial? A teórica propõe uma alternativa para essa realidade assustadora. Analisando a obra de Valter Hugo Mãe proposta neste artigo, é possível explicar esse retorno utilizando como exemplo as personagens Maria da Graça e Quitéria. As personagens operam o que as teorias feministas anteriores e o que Simone de Beauvoir propõem em suas obras: uma união entre elas, as mulheres, que fará com que deixem de ser vistas como o “Outro” e passem a serem vistas por elas mesmas e pelos olhos delas mesmas. Busca-se a prática dessa solução através do trabalho, e da compreensão sem juízos moralizantes como se observa nos diálogos entre Maria da Graça e Quitéria; o caminho percorrido pelas personagens aponta para a responsabilização sobre as próprias vidas, sem atribuir a outrem a realização dos próprios sonhos, dos próprios desejos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente artigo, foi possível entender que a história da mulher no mercado de trabalho está intimamente ligada à história dela mesma na vida social, cultural e política. Que o lugar de fala da mulher não pode e não deve ser tomado por nenhum outro indivíduo, seja na escrita da história do coletivo que as representa, seja no individual de cada uma. Analisando as personagens da obra de Valter Hugo Mãe à luz teórica de Simone de Beauvoir foi possível encontrar um elo que liga essas personagens à solução proposta pela filósofa ao longo de seus dois volumes sobre o segundo sexo.

O levantamento estatístico referente à participação da mulher no mercado de trabalho nos revela uma realidade dura e perversa que assombra ainda hoje a vida das mulheres. Vale ressaltar que, ainda que haja muitas mulheres cujas autonomias econômicas sejam atreladas ao trabalho *indoor*, esse fato faz com que elas ganhem novos espaços sociais, conheçam novas realidades e cheguem a determinada lucidez sobre suas consciências de classe e papel nas sociedades.

Essa consciência é de suma importância para que elas sintam que fazem parte da sociedade, que seus trabalhos são importantes. Através da construção desse raciocínio lógico se pautam as lutas feministas, cujo mote é a igualdade de direitos e de oportunidades. Muito tem sido alcançado desde que o início dessas lutas foi documentado, no entanto, é sabido que a luta das mulheres nunca dormiu. Elas não deixaram de trabalhar quando eram minoria nas fábricas, não deixaram de ser resistência quando a Igreja as queria queimadas.

A porcentagem de mulheres formadas em cursos superiores, a entrada crescente de mulheres em cursos de tecnologia somada ao agravante de homicídio, quando influenciado pela condição de gênero feminino da vítima, intitulado “feminicídio”, são exemplos de recentes conquistas.

Maria da Graça e Quitéria são personagens de ficção que representam e contam ao leitor a história das mulheres na sociedade ocidental; através do filtro de simplicidade da realidade de duas mulheres pobres de Bragança, suas histórias são reflexos do que pode ser proposto para o futuro ser de fato feminino. A obra aqui analisada, de Valter Hugo Mãe, funciona, portanto, como um documento sociológico sobre as mulheres de seu tempo, Sartre disserta que “a função do escritor é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-

se inocente diante dele.” (SARTRE, 1989, p. 21). Certamente o leitor de uma obra literária engajada nunca mirará o mundo com olhos inocentes, poderá entender que a militância e a resistência das minorias pode e deve acontecer diariamente.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução do grego, introdução e notas do Prof. Mário da Gama Kury. Brasília: UNB, 1997.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jaqueline. *O que é Feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BAUER, Carlos. *Breve História da Mulher*. São Paulo: Pulsar, 2001.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa - Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva*. Trad. Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FILHO, Humberto Lima de Lucena Filho. *Relações de gênero, trabalho e não-discriminação: uma abordagem da concretização do princípio da igualdade substantiva*. Revista eletrônica do Tribunal Regional do Trabalho da 6ª Região, Recife, PE, v. 21, n. 38, p. 130-152, 2011.

MÃE, Valter Hugo. *O Apocalipse dos Trabalhadores*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

MÃE, Valter Hugo. *O Remorso de Baltazar Serapião*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2018.

MORETTI, Franco. *Atlas do Romance Europeu*. São Paulo: Boitempo, 2003.

PERROT, Michelle. *Escrever uma História das Mulheres*. São Paulo: Cadernos Pagu, 1994.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a literatura?* São Paulo: Ática, 1989.